



A EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO DE QUÍMICA E OS EGRESSOS DO SISTEMA “3+1” DE LICENCIATURA DA UFPEL

Bruna C. dos Santos (IC)¹, Cíntia S. Garcia (IC)¹, Gleider M. Campos* (IC)¹, Katiane F. Muswieck (IC)¹, Marília M. dos Santos (IC)¹, Robson S. de Souza (IC)¹, Irene T. S. Garcia (PQ)², Verno Krüger (PQ)²

¹Licenciatura em Química, Universidade Federal de Pelotas, Campus Capão do Leão, s/n, 96010-900, Pelotas, RS

²Núcleo de Ensino de Química, FaE/Universidade Federal de Pelotas, 96010-900, Pelotas, RS

Palavras Chave: Experimentação, Concepções dos egressos, Licenciatura em Química

Introdução

O uso do experimento didático deve contribuir para a descoberta e para o desenvolvimento de uma atitude de autonomia intelectual nos estudantes.¹ Nesse contexto, a postura do professor de Química é extremamente importante para que uma aprendizagem significativa ocorra. Por outro lado, o professor de ensino médio formado no modelo antigo de Licenciatura, tendo como base o 3+1, pode ter dificuldades para problematizar essas questões. No modelo 3+1 de Licenciatura, vigente antes da implantação Diretrizes Curriculares para a formação de professores para a Educação Básica (DCN), a formação do professor se dava a partir de disciplinas de um núcleo comum com os bacharelados e disciplinas básicas pedagógicas, geralmente no último ano do curso.

Devido à importância da experimentação no ensino de Química, investigou-se a concepção de experimentação apresentada pelos egressos da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), formados no modelo descrito acima.

Metodologia

A partir de Hodson² e Moraes³ dividimos em dois momentos nossas investigações: a) objetivos da experimentação; b) concepção de experimentação. Os objetivos foram divididos em três categorias, aprender ciência, aprender sobre ciência e aprender a fazer ciência.² A concepção sobre experimentação foi dividida em indutivista, dedutivista, construtivista e sem concepção definida.³ Foi elaborado um questionário fechado com os egressos do Curso Licenciatura em Química da UFPEL formados nos três últimos anos de vigência do modelo 3+1. Foram entrevistados 10% dos alunos formados até o ano de 2006 (última turma da vigência desse modelo).

Resultados e Discussão

O objetivo da experimentação, segundo a maioria dos entrevistados, é aprender a fazer ciência. Os objetivos apontados dentro desta categoria são apresentados na figura 1. Nesta categoria os objetivos mais aceitos foram os que estimularam à comprovação e compreensão da teoria.

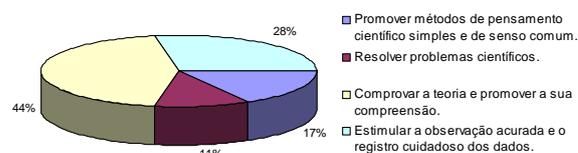


Figura 1. Objetivos relatados pelos egressos na categoria aprender a fazer ciência

A maioria dos estudantes não apresenta uma concepção definida de experimentação (figura 2).

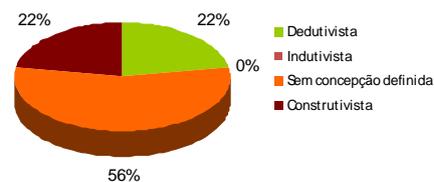


Figura 2. Concepção de experimentação dos egressos

Conclusões

Para a maioria dos egressos do Curso de Licenciatura em Química, formados no modelo acima, a experimentação é um momento de descoberta e o professor tem um papel importante. Não se observa, contudo, uma concepção construtivista de experimentação nesses professores. A experimentação pode ter outros propósitos, como ensinar ciências e sobre ciências.

Agradecimentos

Esse trabalho é financiado pela CAPES através do Projeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência).

¹MONTEIRO, M. A.. Colóquio Int. Paulo Freire, 5., 2005, Recife.

²HODSON, D. Journal of Curricular Studies 1996, 28, 115.

³MORAES, R. Análise de conteúdos. Educação 1999, 22, 7.

¹BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica. Resolução CNE/CP 1 de 18/02/2002. Brasília: 2002.